

DIÁLOGO SOBRE SEXUALIDADE NA COMUNICAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS ADOLESCENTES

*Angela Cristina Alves da Costa,¹ Leandro Aparecido Fonseca Missiatto²
e Elizabeth Antonia Leonel de Moraes Martines³*

DIALOGUE ON SEXUALITY IN COMMUNICATION BETWEEN
ADOLESCENT PARENTS AND CHILDREN

DIÁLOGO SOBRE SEXUALIDAD EN LA COMUNICACIÓN ENTRE
PADRES Y HIJOS ADOLESCENTES

Resumo: O presente estudo tem por objetivo apresentar alguns aspectos referentes ao diálogo sobre sexualidade na comunicação entre pais e filhos adolescentes, a partir do ponto de vista de 12 pais, funcionários públicos de uma escola do município de Cacoal/RO. Utilizou-se de entrevistas semiestruturadas e os conteúdos coletados foram abordados pela Análise do Discurso orientada por Orlandi. As análises indicam que os pais elaboram o discurso sobre sexualidade abordando e silenciando temas sob a diretriz de seus próprios gêneros e o dos filhos. O estudo demonstra que as dificuldades parentais manifestas pelos entrevistados se referem a temas da sexualidade que transcendem ao tradicional – gravidez e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

Palavras-chave: Adolescentes; parentalidade; educação sexual; análise do discurso.

Abstract: This study aims to present some aspects related to the dialogue about sexuality in the communication between parents and teenagers, from the point of view of twelve parents, civil servants of a school in the city of Cacoal/RO. Semi-structured interviews were used and the collected contents were approached by Discourse Analysis guided by Orlandi. The analyzes indicate that parents elaborate the discourse on sexuality addressing and silencing themes under the guidelines of their own genders and that of their children. The study demonstrates that the parental difficulties manifested by the interviewees refer to themes of sexuality that go beyond the traditional – pregnancy and sexually transmitted infections.

Keywords: Adolescents; Parenting; Sex Education; Discourse Analyses.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo presentar algunos aspectos relacionados con el diálogo sobre la sexualidad en la comunicación entre padres y adolescentes, desde el punto de vista de doce padres, funcionarios de un colegio de la ciudad de Cacoal / RO. Se utilizaron entrevistas semiestructuradas y los contenidos recolectados fueron abordados por Análisis del Discurso guiado por Orlandi. Los análisis indican que los padres elaboran el discurso sobre la sexualidad abordando y silenciando temas bajo las pautas de su propio género y el de sus hijos. El estudio demuestra que las dificultades parentales manifestadas por los entrevistados se refieren a temas de la sexualidad que van más allá de lo tradicional - el embarazo y las infecciones de transmisión sexual.

Palabras clave: Adolescentes; Crianza de los hijos; Educación sexual; Análisis del discurso.

¹ Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal (UniFacimed), Cacoal, Brasil. E-mail: crisangela72@hotmail.com

² Doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Docente do curso de Psicologia da Faculdade Estácio de Pimenta Bueno (FAP), Pimenta Bueno, Brasil. Docente da Escola da Magistratura do Estado de Rondônia (Emeron), Pimenta Bueno, Brasil. E-mail: leandro_afonseca@hotmail.com

³ Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). Docente aposentada da Universidade Federal de Rondônia (Unir), Departamento de Educação, Porto Velho, Brasil. E-mail: bethmartines@gmail.com

Introdução

O desenvolvimento humano se constitui de processos a partir dos quais o indivíduo se modifica devido ao crescimento físico; amadurecimento dos órgãos sexuais e do sistema neurológico, bem como mudanças nos estados psicológicos (afetividade, cognição), entre outras mudanças como *status* sociocultural, passando por fases mais ou menos definidas. A adolescência é uma dessas importantes fases do ciclo de vida e marca a transformação do corpo infantil para o adulto, com todas as implicações socioculturais que isto representa. Para Savegnago e Arpini (2016) tais transformações acontecem fisicamente por alterações hormonais, amadurecimento dos órgãos reprodutores, e, conforme apontam Costa e outros (2014), estes elementos lançam de modo intenso o adolescente para a sexualidade, instigando-o a compreender as modificações corporais e sentimentais que passa a viver.

No processo de se descobrir como indivíduo o adolescente, além de conhecer seu próprio corpo e suas possibilidades, busca também sua identidade, procurando se encontrar nos contextos em que vive, seja no âmbito familiar, escolar ou social (NERY et al., 2015). Na família surgem as primeiras curiosidades a respeito de sexualidade, mudanças corporais e namoro, iniciando a construção dos saberes e informações sobre sexualidade, o que é apontado por Ressel e outros (2011) como um processo de aprendizagem ao longo do desenvolvimento do indivíduo, com descobertas das expressões relacionadas ao sexo. Diante disso, a família protagoniza o papel de fornecedora de informações e valores aos adolescentes que se dá pela via cultural transmitida através de exemplos e por discursos que representam simbolicamente crenças e valores dos núcleos familiares.

Desse modo, os discursos familiares soam como mecanismos de transmissão de cultura intra e extrafamiliar e, para compreender melhor os meandros desse complexo processo comunicativo, é comum o uso da Análise do Discurso (AD) como ferramenta de apreensão ideológica dos discursos familiares. A AD traduz-se em um conjunto aprofundado de estudos em que importa o sujeito que fala inserido em uma conjuntura social, submerso na história de seu mundo e ideologicamente marcado, sujeito heterogêneo, constituído por uma união diferente de vozes (FERNANDES, 2007).

Os estudos de AD se caracterizam por uma conjunção de conceitos como a formação discursiva, interdiscurso, formação ideológica, memória discursiva, entre outros, importantes e necessários para que se alcance o sujeito polivalente que discursa, numa perspectiva madura de acesso à grandiosidade e profundidade que tem a fala em nossos tempos. A AD é um recurso valioso para a compreensão dos discursos familiares, sendo capaz de

alcançar as ideologias que sustentam a linguagem e comunicação entre pais e filhos.

Assim, esta pesquisa nasceu com o intuito de verificar, por meio da AD, como os pais abordam o tema da sexualidade com seus filhos adolescentes e busca colaborar na compreensão de como este desafio é encarado por esses membros familiares.

Método

A pesquisa foi desenvolvida com seis pais e seis mães de alunos adolescentes entre 12 a 18 anos, que estudavam em uma escola pública do município de Cacoal, cidade localizada a 480 km de distância da capital Porto Velho/RO, no ano de 2018. O ambiente escolar foi escolhido por ser local de fácil acesso a pais de adolescentes. Os participantes foram recrutados pelo estilo bola de neve. Essa técnica consiste na captação de pessoas para pesquisas não probabilísticas em que os participantes iniciais do estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam outros, sucessivamente (BALDIN; MUNHOZ, 2011). A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal-Facimed, sob número do parecer CAAE: 93946518.2.0000.5298.

O contato com os pais se deu inicialmente por meio do serviço de orientação escolar. Após a seleção dos participantes foi possível apresentar o objetivo do estudo para que pudessem manifestar interesse em participar da pesquisa. Para a coleta dos dados, utilizou-se entrevistas individuais, guiadas por um roteiro semiestruturado. O roteiro foi dividido em duas partes, a primeira com informações sociodemográficas e a segunda composta por sete perguntas cujo objetivo foi verificar o diálogo sobre sexualidade que os pais tinham com seus filhos. Os participantes também assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram realizadas em sala reservada na própria escola, gravadas com devida autorização e posteriormente transcritas.

Para análise dos resultados, utilizou-se do método de Análise de Discurso, linha francesa nos moldes propostos por Orlandi (1999). Esse método possibilita a identificação dos efeitos de sentidos que se pode apreender mediante interpretação das narrativas, um sentido que não é traduzido, mas produzido em razão do contexto e experiências dos sujeitos.

A AD utilizada neste estudo foi a proposta por Michel Pêcheux (1938-1983) amplamente desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi (1999). Baseado nos estudos realizados por Canguilhem e Althusser, essa teoria trouxe uma abordagem distinta de pensar a Ciência da Linguagem (BRASIL, 2011). As proposições dessa corrente de estudos da linguagem transgride a língua como apenas um sistema formal de regras, para atribuir-lhe valor simbólico, político e histórico em que os sentidos são instáveis e fluidos.

Nesse sentido, a AD procura conhecer a historicidade da linguagem ao confluir saberes de três regiões distintas do conhecimento: o materialismo histórico, com ênfase na ideologia, a linguística, e a teoria do discurso (BRASIL, 2011; ORLANDI, 2008), elementos que fazem da AD uma ferramenta de pesquisa consistente em estudos qualitativos.

Para melhor compreensão do método utilizado apresentamos os procedimentos seguidos tendo como referência Orlandi (1999) que consistem em:

1. Conversão das narrativas em documentos escritos. Consiste na transcrição de todas as entrevistas anteriormente gravadas pelos pesquisadores;
2. Conversão dos dados empíricos em elementos teóricos. Essa é uma fase importante da AD e consiste na leitura dos textos e seleção das frases, trechos, ou mesmo palavras, que podem ser entendidos como interpretáveis, ou seja, é a procura por marcas de significação que sejam interessantes aos analistas do discurso;
3. Agrupamento das marcas de significação em categorias por similaridade. Os conteúdos escolhidos foram agrupados tendo como principal critério a similaridade temática. Essa fase é conhecida também por alguns analistas do discurso como agrupamentos semânticos. Foram identificadas as seguintes categorias: gênero, sexo dos filhos, modos de fala, estratégias, razões para essa comunicação, importância de se falar sobre sexualidade e dificuldades;
4. Distribuição das categorias em eixos temáticos. Nessa fase reúnem-se as categorias e faz-se uma leitura extensiva buscando compreender as que são similares, agrupando as que possuem sentidos em comum, ou, separando-as. Como resultado obteve-se os seguintes eixos temáticos: a) Diálogo sobre sexualidade em razão dos gêneros dos filhos; b) Dificuldades e estratégias encontradas pelos pais para abordar o tema sexualidade com seus filhos; c) Percepção dos pais sobre a necessidade de abordarem o tema sexualidade com os filhos e tipo de orientações sexuais prestadas pelos pais;
5. Análise dos discursos realizada por meio de alguns procedimentos típicos da área, tais como: paráfrase, memória discursiva e interdiscurso. Nesse momento são feitas inferências e críticas aos conteúdos ideológicos identificados, sempre as correlacionando com outros achados científicos.

Resultados e discussões

Os sujeitos (Suj.) da pesquisa apresentaram média de idade de 43,08 anos, com desvio padrão de 5,5. Todos possuíam ensino superior, eram funcionários públicos estaduais, sendo seis professores, quatro servidores de áreas administrativas e dois gestores escolares. A média de filhos dos participantes do estudo foi de 2,25, e a idade dos filhos esteve compreendida entre 12 e 18 anos. Quanto ao estado civil dos pais, 11 eram casados e apenas uma pessoa solteira. Sobre a religião declarada pelos participantes nove disseram ser evangélicos e três católicos.

Para apresentação e discussão dos dados foram selecionados alguns recortes discursivos, distribuídos em eixos temáticos que estavam presentes na estrutura de entrevista visando a compreensão sobre o fazer discursivo dos pais com seus filhos. A grande quantidade de material coletada impede que os discursos sejam em sua íntegra reproduzidos, visto também não ser este o objetivo, e sim o de demonstrar o que há de mais nuclear nos discursos dos entrevistados sobre os processos de diálogo quanto à sexualidade, com seus filhos.

a. Diálogo sobre sexualidade em razão dos gêneros dos filhos

Neste eixo, tratamos das diferenças na abordagem do tema sexualidade em razão dos gêneros dos filhos, de como se dá o processo de diálogo sexual entre os pais e seus filhos e filhas. De modo geral, os pais entrevistados acreditam ser mais fácil conversar com filhos do mesmo sexo que com os de sexo oposto, contudo, as mães são mais adaptáveis ao gênero dos filhos que os pais.

[...] converso com a minha mulher, a minha mulher conversa com a minha filha e depois eu pergunto para minha mulher se realmente ela perguntou e como foi o diálogo entre ela e a minha filha [...] Eu acho que tem algumas coisas assim, mais íntimas que, às vezes, é melhor a mãe falar, né? (Suj. 02 Mas.).

Em casa eu falo com o menino, a menina fica para a mãe, acho que assim fica mais fácil, mas minha mulher também fala com meu filho, ela é mais jeitosa (Suj. 06 Mas.).

O que se encontra nos relatos selecionados é similar ao que foi identificado em um estudo realizado por Savegnago e Arpini (2016), que teve como objetivo apresentar alguns aspectos referentes ao diálogo sobre sexualidade entre pais e adolescentes, a partir do ponto de vista de mulheres que possuem filhos(as) adolescentes. Participaram daquele estudo 17 mães do interior do Rio Grande do Sul e os resultados identificaram que os pais dão menos abertura para as filhas, delegando a função de conversar com as filhas para as mães. Ou seja, o estudo mostra uma relação entre discurso e gênero em que o

gênero dos filhos determina a quem cabe a responsabilidade de construir o diálogo sobre sexualidade.

Para compreender melhor as falas anteriormente mencionadas, partimos do princípio que tais narrativas correspondem à formação discursiva, ou seja, um retrato daquilo que se pode ou não se pode dizer em uma determinada época e sociedade (GREGOLIN, 1995). Neste caso, levamos em consideração que os pais entendem que a atribuição da responsabilidade do diálogo sobre sexualidade com os filhos deve ser discriminada em virtude dos gêneros, nesse sentido, há impedimentos, por exemplo, ao pai para que ele trate de certos assuntos com suas filhas. Surge nesse contexto o questionamento — o que um pai não poderia dizer à filha, quanto à sexualidade? Para responder a esta questão acionamos o conceito de memória discursiva.

Segundo Pêcheux (1999, p. 52), a memória discursiva diz respeito:

[...] aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Pela memória discursiva nascem as várias possibilidades de toda formação discursiva, pois é ela quem permite o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados que pertencem às formações discursivas (PATRIOTA; TURTON, 2004). Desse modo, pela memória discursiva, se recupera o conteúdo intradiscursivo, ou seja, os conceitos que estão subtendidos na estrutura semântica da fala que servem para identificar uma ideologia majorante ou a tendência de uma forma de pensar predominante. Nesse caso, os conteúdos intradiscursos conduzem à distribuição das funções parentais tendo em vista os gêneros dos filhos, sendo as mães responsáveis pela comunicação com as filhas e os pais com os filhos, o que sugere a ideia da ideologia tradicional (hegemônica) de gênero que consiste em acentuado binarismo, machismos e heterossexualidade como fundamentos dos gêneros.

Segundo Bourdieu (2007), durante os séculos XVII e XVIII as diferenças no tratamento das questões das mulheres foram tomadas tendo como pensamento predominante a suposta inferioridade feminina, determinada por suas condições físicas diferentes das masculinas, sendo elas consideradas menores, frágeis, sensíveis e mais sujeitas aos imperativos sexuais. O desdobramento desse entendimento no decurso do tempo é de que a sensibilidade feminina não é uma representação de qualidade, mas sim de fraqueza, de inferioridade (TEDESCHI, 2009). Sendo assim, os recortes discursivos anteriormente apresentados, representam o resgate desta memória discursiva da inferioridade feminina encoberta pela ideia de

sensibilidade e fragilidade. Nesse sentido, não se trata apenas do que o homem não pode dizer à filha, mas de certa inflexão masculina, já que o homem não se ocupa com aquilo que não é de seu meio, enquanto, conforme narrativa do Suj. 06, a mãe tende a percorrer essa presença de fala tanto com a filha quanto com o filho e a justificativa está em suas habilidades maternas. Embora não fale diretamente às filhas, os pais tendem a recorrer às mães para que elas comuniquem o que eles desejam que seja informado, (re)construindo dessa forma a hierarquia dos gêneros no sistema patriarcal.

Nota-se a sequência gradativa da fala do pai, ele diz o que deve ser falado com a esposa, ela fala com a filha e depois retorna a ele. A mãe é o recurso mediador do processo de diálogo sobre sexualidade entre o pai e a filha, e o que legitima esta postura é possivelmente a ideologia da sensibilidade feminina que, entre tantos fatores, opera no entendimento de que as mulheres por serem “sensíveis e emocionais” são mais adequadas para tratar de assuntos delicados. A distribuição da comunicação sobre sexualidade por meio dessa ideologia coloca em lugares opostos pais e filhas que são impedidos de uma linguagem mais íntima no campo da sexualidade. O que vigora não é o entendimento de que se trata de uma dimensão humana, mas de uma questão de gênero e nesse lugar de distâncias as relações de proximidade parental são marginalizadas tanto quanto os corpos femininos historicamente o foram.

Corroborando com este pensamento uma pesquisa realizada por Santos (2007), com 17 homens jovens de João Pessoa/PB, cujo objetivo foi o de saber qual modelo de masculinidade é expresso no discurso de alguns jovens homens moradores em uma comunidade de baixa renda. O estudo demonstra que, de uma forma geral, há uma permanência do modelo patriarcal da masculinidade, indicando a manutenção da desconsideração dos temas de interesse feminino por parte dos homens.

Outro aspecto de gênero identificado na fala dos pais é o tipo de cuidado transmitido na conversa sobre sexualidade com os filhos. Observou-se diferenciação no discurso sobre sexualidade no que concerne aos cuidados pessoais e sociais entre os filhos do sexo masculino e o feminino, sendo que a preocupação com o sexo feminino se mostrou mais presente em forma de prevenção a possíveis abusos sexuais.

[...] me preocupo com os dois, mas com ela eu tenho medo de abuso sexual, ele mais orientação, ela mais cuidado (Suj. 09 Fem.).

[...] na questão de liberdade sobre sexo há uma restrição maior para menina, com ela temos mais preocupação (Suj. 10 Mas.).

O uso dos substantivos “orientação” e “cuidado”, utilizados pelo Suj. 09 Fem., destinados para descrever o diálogo sobre sexualidade com os filhos e filhas respecti-

vamente, indicam que, ao se tratar do assunto de sexualidade com os meninos, a genitora em questão, tende a abordar o assunto de forma mais instrutiva e focal, já com as filhas o assunto é tratado de forma mais ampla e possivelmente envolve temas como segurança, autocuidado, imagem social e outros. Ainda é possível depreender que a enunciante acredita que os meninos são menos propensos a perigos sexuais como o estupro e assédio. O sentido desses recortes discursivos é bastante preocupante, uma vez que assuntos como assédio, abuso, vulnerabilidades e violências sexuais podem não ser tratados devidamente com o público masculino gerando perigosas lacunas de conhecimento e compreensão nas relações de homens com as mulheres. Ao mesmo tempo em que potencializam o aprendizado de recursos autoprotetivos por parte das meninas, precarizam essa formação aos meninos que são absorvidos pelo entendimento de seus pais como menos propensos à violência sexual. Embora os índices registrados sobre a violência sexual contra meninos serem significativamente menores quando comparado com o grupo de meninas, ainda assim meninos podem ser vítimas de crimes dessa natureza com alto impacto na saúde física e psicológica (CONCEIÇÃO et al., 2020).

Destaca-se ainda, que as percepções dos pais, sejam homens ou mulheres, são construídas em razão das posições que ocupam no tempo histórico que vivem (ORLANDI, 1999). A atenção que a entrevistada, Suj. 09 Fem., apresenta ao falar sobre sexualidade com sua filha, é evocada em razão do cenário de alta vulnerabilidade à mulher no que concerne a assédios e ataques sexuais. Para Duarte (2001), embora o assédio seja um fenômeno possível de ser vivenciado por todas as pessoas, incide principalmente sobre as mulheres. Segundo ela, esta é uma das razões de, pelo menos na cultura brasileira, configurar-se como uma questão de gênero.

Ainda sobre o diálogo sexual que envolve o gênero dos filhos foram identificadas como determinantes as peculiaridades femininas. Para compreender melhor este tipo de relação entre o gênero feminino e o perfil do diálogo sobre sexualidade utilizamos do recurso analítico chamado paráfrase.⁴

[...] menstruação é coisas de mulher mesmo, minha mulher seria mais segura para falar do que eu como pai (Suj. 06 Mas.).

O enunciado discursivo do Suj. 06 Mas. foi parafraseado para:

Eu sou homem, sei de coisas de homem, menstruação é coisa de mulher, não me sinto seguro para falar sobre coisas de mulher.

A paráfrase torna evidente que os elementos discursivos apontam para uma forte distinção de gênero a influenciar no comportamento dos pais quanto à educação sobre sexualidade. O sentido desta fala é de que os homens não se sentem seguros para tratar de questões sexuais do universo feminino, dedicando-se apenas àquilo que diz respeito ao âmbito da masculinidade. Esta percepção tem raízes culturais em que o masculino e feminino são tratados como assuntos restritos à dimensão de cada gênero (MIRA, 2003), coisas de menino e coisas de menina. A fala do pai expressa os sentidos daquilo que pertence aos espaços masculinos e, ao mesmo tempo, marginaliza o que não faz parte do domínio do homem; estes sentidos formam a ideologia predominante quanto à sexualidade: binarista, polarizada e antropocêntrica.

Essas práticas representam também, em termos mais subjacentes, a reprodução das ausências, nesse caso dos saberes masculinos sobre as “coisas” de mulheres. Tais ausências são perpetuadas, entre outros fatores, por uma educação familiar centrada na sexualidade em perspectiva binarista dos gêneros, e não por uma visão mais ampla da sexualidade como uma dimensão da natureza humana. Nesse contexto, meninos e meninas recebem informações que são clivadas a partir de seus gêneros e não em virtude de todas as possibilidades que o corpo e a sexualidade humana possibilitam.

O Suj. 06, possivelmente, é alguém que recebeu uma formação sexual pautada nos mesmos critérios normativos, fazendo com que impere sobre ele as carências que configuram seu desconhecimento, nesse caso, sobre a menstruação de sua filha. Pois, em qual nível seria verdadeira a fala do pai, “menstruação é coisa de mulher”? Obviamente, somente naquele em que a vida de uma mulher não seja de interesse da masculinidade. Quando um chefe se depara com uma colaboradora que sofre com cólicas menstruais durante sua jornada de trabalho ou quando um professor tem em sua classe uma aluna que possui reiteradas faltas em virtude de pobreza menstrual,⁵ a menstruação não seria também “coisa” de homens? O que se mostra nesse tipo de discurso é uma ideologia atrelada à esQUIVA masculina ao que diz respeito às mulheres, o que em termos mais elevados, tende a contribuir para a noção de uma pretensa inferioridade feminina. A ideia de menstruação como coisa de mulher é apenas

⁴ A paráfrase é um elemento que se vincula às noções de substituição e sinonímia, e de transformação (SARTI; CHIARETTI, 2016), ou seja, os sentidos são formados pela pessoa que discursa como elemento de identidade de repetição, assegurando a permanência dos sentidos anteriormente alcançados, mas também como alteridade, produzido pelas mudanças de sentidos dados pelo falante.

⁵ Termo utilizado para se referir à falta de acesso a recursos, materiais, ou mesmo conhecimento por parte de algumas mulheres para promoverem os cuidados necessários com a própria menstruação.

uma alusão a tantos outros machismos representados em falas como: meninos vestem azul e meninas vestem rosa; meninos brincam de bola e meninas de bonecas. Todas essas falas são recursos linguísticos que cooperam para as desigualdades entre homens e mulheres, não sendo, de nenhum modo, meros adereços comunicativos, mas elementos ideológicos que tensionam materialmente a vida das pessoas.

b. Dificuldades e estratégias encontradas pelos pais para abordar o tema sexualidade com seus filhos

Alguns pais apontaram a internet como um fator que dificulta a comunicação sobre sexualidade, uma vez que os filhos podem pesquisar e obter suas próprias informações, dificultando a troca de valores. Essas percepções podem atuar para produção de um ciclo: os pais não falam sobre sexualidade porque os filhos buscam informações na internet, os filhos precarizados pela ausência de diálogo concentram suas bases de conhecimento na internet, o que por fim os distanciam de seus pais.

[...] *hoje dificulta muito a internet, os meninos procuram tudo lá e lá tem tudo que presta e que não presta* (Suj. 05 Fem.).

[...] *para mim o que atrapalha muito mesmo, são alguns sites em que eles podem pegar algumas informações antes e talvez dificulte a forma de você abordar com ele* (Suj. 04 Mas.).

Aqui novamente fez-se uso da paráfrase que transformou o trecho discursivo do Suj. 04 Mas. em:

A internet atrapalha a conversa sobre sexualidade com meu filho, pois antecipa o que tenho a dizer e este conhecimento prévio prejudica minha exposição sobre o assunto.

A paráfrase permite compreender como um objeto simbólico produz sentidos (ORLANDI, 1999). Nota-se que a internet é percebida como um empecilho, não em razão de seus conteúdos, mas em virtude de como isso implica em mudanças de como o pai deve abordar a sexualidade, ou seja, a internet atrapalha porque a acessibilidade dos conhecimentos aos filhos gera mudança na postura dos pais em tratar os temas referentes à sexualidade. A percepção do genitor indica a relativização da importância do diálogo entre pai e filhos sobre sexualidade, conservando a relevância na informação em si e não no processo de conhecer. Contudo, as informações transmitidas sobre sexualidade em ambientes virtuais podem ser superficiais e lacônicas.

Em uma pesquisa realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação (2013), realizada em 2012 com 1.580 adolescentes e suas famílias, de todas as regiões e classes sociais do Brasil, cujo objetivo foi diagnosticar o uso da internet por crianças e adolescentes, verificou-se que as atividades mais realizadas pelos jovens

estavam, em sua maioria, relacionadas com trabalhos escolares (82%), visitas às redes sociais (68%), assistir vídeos no YouTube (66%), jogos (54%), mensagens por aplicativos (54%), dentre outras. O estudo indica que o conhecimento obtido sobre sexualidade em ambientes virtuais ocorre, provavelmente, de forma indireta e transversal, o que potencializa a importância do diálogo entre pais e seus filhos sobre esta dimensão da vida humana, já que nem sempre as informações prestadas na internet vêm acompanhadas de sensibilidade e atenção às necessidades inerentes ao ciclo de vida do jovem, aspectos que podem ser oferecidos pelos pais.

A falta de informação e de diálogo sobre sexualidade na adolescência dos pais foi, por várias vezes, citada como um fator preponderante que dificulta a comunicação com os filhos. Para Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013), a dificuldade ocorre devido aos pais terem sua sexualidade negligenciada enquanto adolescentes, o que os levam a reproduzirem os tabus que lhes foram impostos.

[...] *minha adolescência eu acho que me influenciou, porque, como eu não tive essas informações, querendo ou não, eu acho que criou algum bloqueio e com os meus filhos eu tive um pouco de dificuldade, quando a minha filha ficou mocinha ela não queria nem ficar perto de mim e eu tinha dificuldade para me aproximar dela* [...] (Suj. 05 Fem.).

[...] *quando eu tive a idade deles ninguém em casa falava desses assuntos, você aprendia sozinho conforme crescia* (Suj. 02 Mas.).

Uma pesquisa desenvolvida por Nery e outros (2015) apontou que a comunicação entre pais e filhos ainda é deficiente, embora haja evolução na forma de se comunicar. De acordo com a pesquisa, fatores culturais, religiosos e socioeconômicos interferem na troca de experiências, bem como na forma como as práticas parentais vão se replicando de uma geração para outra, por meio do aprendizado experiencial entre pais e filhos.

De acordo com uma mãe entrevistada, o assunto era tratado como pecado quando ela era adolescente e outra mãe relata que atualmente há preconceito familiar em relação à sexualidade e à gestação, fator apontado como motivo para dificuldade atual no diálogo.

[...] *colocavam medo da 'perca' da virgindade; era algo que se a mulher a perdesse estava desmoralizada, era mandada embora de casa e eu com 32 anos engravidei solteira e sofri preconceito na minha família* (Suj. 11 Fem.).

Tal fato leva a perceber que, embora em algumas famílias o assunto seja tratado com certa naturalidade, permitindo que dúvidas sejam esclarecidas, em outros contextos familiares o tabu em torno da sexualidade é presente, sendo mantido por razões religiosas ou culturais. Fica clara a dificuldade dos membros familiares em transgredirem certos aspectos culturais da família e

adaptarem-se às mudanças impostas pelo meio, preferindo muitas vezes o caminho alternativo do silêncio e da indiferença. As falas anteriores remetem às amálgamas do passado que ainda se mostram no presente familiar, em que o despreparo impera como reflexo da cultura familiar em lidar com conceitos tradicionais, mesmo em tempos em que são maiores as alternativas e recursos para uma comunicação a favor do conhecimento e inovação.

Quanto às estratégias de diálogo, observou-se que mais usual foi a conversa descontraída com os filhos, deixando-os à vontade para tirarem suas dúvidas. Os entrevistados destacaram as brincadeiras como forma de aproximação, pois entendem que estes recursos dinamizam os assuntos, além de descontrair enquanto abordam os temas que desejam conversar, sem constranger ou distanciar seus filhos.

[...] para falar com meu filho eu tenho que entrar mais brincando para tentar ter acesso a ele, aí ele entra na onda comigo (Suj. 05 Fem.).

Eu acredito que facilita é ser mais aberto, brincar mais, né? para ter uma facilidade para chegar [...] (Suj. 06 Mas.).

Para Costa e outros (2014), para iniciar um diálogo de sucesso com os filhos adolescentes é fundamental que se deixe de lado o preconceito, de forma que se permita falar livremente e escutar o jovem a fim de que ele não se sinta intimidado, mas confiante para compartilhar sua intimidade com a figura de referência familiar. Para Savegnago e Arpini (2016) é importante que os pais estejam abertos para que o diálogo aconteça de modo satisfatório e eficiente com os filhos.

Nesse sentido, as falas dos pais demonstram empenho em se aproximarem do universo juvenil, as brincadeiras funcionam como ferramenta de suporte para que falem o que compreendem ser necessário de forma que seja compreensível aos filhos.

c. Percepção dos pais sobre a necessidade de abordarem o tema sexualidade com os filhos e tipo de orientações sexuais prestadas pelos pais

Nas entrevistas perguntou-se aos pais se eles julgavam necessário abordar o tema sexualidade e buscou-se compreender a importância que os pais dão a esse assunto. Os entrevistados relataram ser necessário dialogar sobre o assunto, pois a conversa permite transmitir valores familiares de seus antepassados, assim como os valores religiosos, além de orientar sobre os cuidados a serem tomados, seja para não contrair uma doença ou mesmo uma gestação não desejada.

[...] é importante falar sobre sexualidade e eu prefiro que ele aprenda os cuidados comigo e com o pai, que somos a família, pois queremos o melhor para ele, não pretendo que ele receba estas informações lá de fora [...] (Suj. 01 Fem.).

[...] a família sabe o que diz por que fala o que é importante para a segurança dos filhos, foi assim que fomos ensinados. Me preocupa eles saberem sobre essas coisas apenas fora de casa (Suj. 11 Fem.).

Os recortes discursivos anteriores destacam a tendência de movimento das famílias em resguardar a cultura que o sistema recebeu ao longo dos tempos. Termos utilizados como: “aprender os cuidados com os pais”, “foi assim que fomos ensinados” e “me preocupa eles saberem sobre essas coisas (sexualidade) fora de casa”, foram utilizados para compreensão de quais valores orientam essas crenças. Para tanto, forjou-se a seguinte pergunta: por que os pais se sentem mais seguros quando são eles quem falam sobre sexualidade com seus filhos?

A ideia utilizada para compreensão dessas narrativas é de que as famílias buscam, de vários modos, resguardar seus estilos culturais, principalmente quando se trata de questões que lhes são sensíveis. Quando abordam a sexualidade com seus filhos, não estão apenas ensinando, mas protegendo o núcleo cultural do sistema familiar, já que essa educação também é uma forma de transmissão de valores, o que garantirá, em últimas instâncias, que os sistemas sofram poucas alterações, mesmo ante as mudanças sociais as quais estão sujeitos ao longo do tempo (FALCKE; WAGNER, 2005). Desse modo, a família tende a se sentir mais segura quando atua nas áreas em que seus valores mais íntimos podem ser administrados pelos membros hierarquicamente superiores no sistema familiar, podendo os pais selecionarem o que se mantém inalterado, bem como aquilo que se torna sujeito a negociações.

É nesse sentido que parece caminhar o recorte discursivo do Suj. 01 Fem, que coloca em relevo a importância de falar sobre sexualidade com os filhos, todavia, deixando claro que esta é uma responsabilidade da família. O discurso demonstra preocupação com o contexto social e o tipo de aprendizado a que estão sujeitos os filhos fora de suas casas, indicando a família como a capaz de promover uma educação mais adequada. Nesse sentido, entendemos que a ideia não é apenas proteger aos adolescentes dos perigos que discursos abusivos podem implicar à segurança sexual, mas também aos prejuízos que discursos sexuais destoantes aos valores sexuais do sistema familiar podem ocasionar à cultura familiar. Mas, embora os pais se sintam mais seguros com as informações sexuais prestadas no ambiente familiar, ao mesmo tempo, entendem-se despreparados para promover essas discussões, como apontado pelo Suj. 11 Fem.:

[...] a família não está preparada para isso, por ser fruto de uma geração que não oferecia informações também (Suj. 11 Fem.).

O recorte discursivo do Suj. 11 Fem. remete à memória discursiva dos diálogos sobre sexualidade que fazem parte da memória social em relação a essa temática.

O conceito de memória discursiva diz respeito não a lembranças de um passado ou recordações individuais, trata-se de um espaço de memória como condição para o funcionamento do discurso sócio-histórico-cultural. Ou seja, os discursos exprimem uma memória que transcende os limites do pessoal, ela é coletiva, engloba por assim dizer os aspectos socioculturais e ideológicos de um tempo, uma sociedade e um modo de vida (FERNANDES, 2007).

Para aprofundamento, tomemos os sentidos do lexema “informação” contido na formação discursiva do recorte de discurso do Suj. II Fem. Quando essa mãe afirma ser fruto de uma sociedade que não teve acesso à informação, não está buscando memórias específicas de seu passado, das dificuldades de saber sobre sexualidade na escola, em casa ou no meio social, está retomando uma memória coletiva que abarca a geração de seus pais, dos pais de seus pais, ou seja, de toda uma cultura social ancestral em que os avanços tecnológicos eram outros e a internet simplesmente não existia. Embora não fale especificamente, faz uso em sua fala de uma memória discursiva que remonta, por exemplo, gerações denominadas como veteranos, *baby boomers* e geração X.⁶

Logo, é possível que os sujeitos discursivos apresentem vontade de orientar seus filhos, ao mesmo tempo em que sintam dificuldades em produzirem este diálogo, pois se avaliam como despreparados em relação a conhecimentos específicos dessa área. Os pais dessa geração não tiveram os recursos de que desfrutaram seus filhos, mas também, de certo modo, não conseguiram se engajar ativamente nos processos de mudanças e, embora tenham hoje em suas casas a internet e os celulares igualmente aos de seus filhos, não fazem uso destes meios da mesma maneira.

Retrato dessas dificuldades foram as ausências de questões concernentes à orientação e identidade sexual, expressões de gênero e desejos. O não surgimento dessas temáticas, essenciais à educação sexual, indica que provavelmente tais assuntos sejam o “tabu” atual para o diálogo sexual entre pais e filhos. Ao ocultar a identidade de gênero, orientação sexual e mesmo o desejo e prazer, os pais cindem a educação sexual em um lado visível/iluminado e um oculto, a exemplo do que preconiza María Lugones (2020).

O lado visível é aquele que é público, facilmente percebido por transitar livremente pelos territórios dos discursos, das políticas e valores sociais, não sofrendo impedimentos, por ser admitido pela sociedade como natural. Já o lado invisível diz respeito às dimensões de gênero e sexualidade que são tensionadas à invisibilidade por não configurarem no sistema-gênero-sexualidade-modernidade como normalidades.

As identidades LGBTQIA+ são, por exemplo, identidades ocultas, já que são expulsas dos espaços de prestígio, interditas de direitos, historicamente criminalizadas e patologizadas. Para tanto, o lado visível da educação sexual promovida pelos pais é aquele que trata da troca de informações sobre cuidados com Doenças e Infecções Sexualmente Transmissíveis (DST e IST) e gravidez, predominantemente em perspectiva cisheterossexual, sendo, portanto, insuficientes para dar conta de toda grandeza da sexualidade humana.

Ficou claro que, para os sujeitos deste estudo, o prazer sexual, as identidades e o desejo não são temas visíveis, portanto, críticos e difíceis de serem abordados pelos pais, sendo então, evitados. Esse comportamento parental coaduna com o que já foi demonstrado na literatura (GULLAMO-RAMOS; BOURLS, 2009) em que os pais evitam tratar da sexualidade para além de assuntos como a gravidez na adolescência ou IST, e quando manifestam disposição para tratar de outras temáticas da sexualidade, o fazem de modo bastante superficial (WEAVER et al., 2002). Em razão das crenças que orientam as práticas parentais, muitos pais não tratam dos sentidos do prazer e felicidade na sexualidade. Colaboram desse modo, com a promoção de um estilo de comunicação insuficiente para o atendimento das necessidades de seus filhos e contribuem para que eles busquem informações sobre essas questões em outros meios, tais como amigos, escola e internet.

Por fim, ao analisarmos que os pais não abordam temas como identidade sexual, expressões de gênero, orientação sexual, desejos e prazer sexual, somos levados a compreender que quando os pais mencionam se sentirem despreparados para tratarem de sexualidade com os seus filhos, muito provavelmente se refiram a estes aspectos da sexualidade, que comparecem nos diálogos entre pais e filhos como o lado oculto da sexualidade, o que representa ainda os limites dessa comunicação que ainda sofre com os preconceitos e normatividades, impedindo uma conexão mais genuína na abordagem das questões referentes à sexualidade humana.

Considerações finais

Os diálogos entre pais e filhos adolescentes são importantes para o conhecimento e desenvolvimento de comportamentos sexuais saudáveis por parte dos jovens.

No estudo realizado foi identificado que tais diálogos são executados pelos pais, a partir da consideração dos gêneros dos pais e filhos, sendo que, geralmente, a mãe se comunica tanto com as filhas quanto com os filhos, contudo os pais se restringem aos filhos. Identificou-se ainda que os conteúdos desses diálogos também variam em conformidade com o gênero, sendo que aos meninos o assunto é tratado de modo mais objetivo e se restringe ao uso de preservativos e cuidados contra DST e IST, já para

⁶ Veteranos: nascidos entre 1922 e 1945; *Baby Boomers*: nascidos entre 1948 e 1963; Geração X: nascidos entre 1970 e 1980 (BEVILACQUA et al., 2016).

as meninas o tema envolve informações sobre gravidez, riscos sociais e questões relacionadas à segurança pessoal.

O que sustenta essas divisões, bem como a qualidade dos conteúdos do discurso é a questão de gênero centrada no patriarcado e machismo. O estudo revela que essa determina, em última instância, quais e como os conteúdos concernentes à sexualidade devem ser abordados pelos pais, promovendo, em certa medida, tipos de ausências como as identificadas na pesquisa – total abstração de temáticas como a orientação sexual e identidade de gênero, prazer e desejo sexual, o que implica em considerar que a comunicação desses pais funciona de modo cindido: em um lado visível/iluminado, há os conteúdos com foco na cisheterossexualidade, a gravidez e as DST e IST; já no lado oculto/invisibilizado, são tensionados os temas envolvendo o prazer, desejo e identidades sexuais não binárias.

Essa divisão representa, sobretudo, as limitações parentais em abordar aspectos da sexualidade que só recentemente passaram a ser reconhecidos nas Ciências Sociais (especialmente na Psicologia de Gênero) e mais difundidos nos meios acadêmicos e pelas políticas adotadas pelo movimento LBGTQIA+, como: orientação sexual (relacionada com a atração sexual: heterossexual, homossexual, bissexual etc.) e identidade de gênero (homem, mulher, transgênero, cisgênero etc.). Esses termos vêm sendo utilizados amplamente no discurso acadêmico, em artigos de revistas científicas, pela mídia e introduzidos nos currículos escolares, mas, demandam estudo específico para sua compreensão.

Numa visão mais conservadora, como é o caso da política do atual governo federal e dos pais que participaram desta pesquisa, que tiveram uma formação tradicional, são enunciados de modo pejorativo como “ideologia de gênero”, discurso que parece sustentar as percepções sobre sexualidade do grupo estudado.

Por fim, entendemos que este estudo contribui para ampliação da compreensão de elementos que estão associados aos diálogos sobre sexualidade entre pais e seus filhos possibilitando, a partir desses entendimentos, o desenvolvimento de discussões e práticas que colaborem para a tomada de consciência desta problemática tão difícil. Contribui também para que a necessária comunicação entre pais e filhos, bem como professores e alunos, sobre sexualidade, seja mais eficiente na educação sexual das novas gerações. Essa comunicação sobre sexualidade preciso valorizar a saúde integral (física, mental, espiritual, sexual, social), do respeito pelo “outro”, dos direitos à pluralidade (étnica, religiosa, política, sexual, biológica etc.) numa sociedade cada vez mais globalizada e diversa, mas com uma condição que nos iguala: somos seres humanos, com direitos universais (Declaração dos Direitos Humanos) vivendo em comunidades locais. E o desafio que todos temos de enfrentar neste novo século

(nem tão novo, posto que já estamos completando um quarto de século XXI!) é este: viver bem o universal em meio à vida cotidiana comunitária.

Referências

- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO, 1., 2011, Curitiba. Anais [...].* Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011. p. 329-341. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf. Acesso em: 24 jun. 2021.
- BEVILACQUA, L. B. et al. O perfil das gerações x, y e z. *Revista Científica Eletrônica UNISEB, Ribeirão Preto, v. 7, n. 7, p. 33-44, jan./jun. 2016.* Disponível em: <http://estacioreibeirao.com.br/revistacientifica/arquivos/revista7/3.pdf>. Acesso em 26 jun. 2021.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRASIL, L. L. Michel Pêcheux e a teoria da Análise de Discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. *Linguagem – Estudos e Pesquisas, v. 15, n. 01, p. 171-182, 2011.* Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/3246>. Acesso em: 26 jun. 2021.
- CENTRO DE ESTUDOS SOBRE AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO. *Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil*. São Paulo, 2013. Disponível em <https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-kids-online-2012.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2021.
- CONCEIÇÃO, M. I. G. et al. Abuso sexual infantil masculino: sintomas, notificação e denúncia no restabelecimento da proteção. *Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 101-121, abr. 2020.* Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652020000100006&lng=p&t&nrm=iso. Acesso em: 26 jun. 2021.

- COSTA, M. A. et al. Fatores que obstam na comunicação entre pais e filhos adolescentes sobre sexualidade. *Revista de Enfermagem da UFSM*, Santa Maria, v. 4, n. 1, p. 123-132, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/10216>. Acesso em: 24 jun. 2021.
- DUARTE, L. B. Assédio sexual sob a perspectiva do direito de gênero. *RDP*, Londrina, n. 05, p. 15-27, dez./jan. 2001. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_boletim/bibli_bol_2006/RDP_05_15.pdf. Acesso em: 24 jun. 2021.
- FALCKE, D.; WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, A. (org.). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 25-46.
- FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.
- GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *Holos*, Natal, v. 5, p. 251-273, 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/193797893.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2021.
- GREGOLIN, M. R. V. A análise do discurso: conceitos e aplicações. *Alfa*, São Paulo, v. 39, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967/3642>. Acesso em: 24 jun. 2021.
- GULLAMO-RAMOS, V.; BOURLS, A. Working with parentes to promote healthy adolescent sexual development. *The Prevention Researcher*, v. 16, p. 7-12, 2009.
- LUGONES, M. Colonialidade de Gênero. In: HOLLANDA, H. B. (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 52-83.
- MIRA, M. C. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 21, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a03.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2021.
- NERY, I. S. et al. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 287-292, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/9mgxX6s5dDcKSgybqQmfB8p/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 jun. 2021.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e Leitura*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- PATRIOTA, K. R. M. P.; TURTON, A. N. Memória discursiva: sentidos e significações nos discursos religiosos da TV. *Ciência & Cognição*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 13-21, mar. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212004000100003&lng=p&t&nrm=iso. Acesso em: 24 jun. 2021.
- PÊCHEUX, M. *Surla (dé) construction desthéorieslinguistiques*, DRLAV. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- RESSEL, L. B. et al. A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, v. 15, n. 2, p. 245-250, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452011000200005. Acesso em: 25 jun. 2021.
- SANTOS, W. T. M. Modelos de masculinidade na percepção de jovens homens de baixa renda. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 27, jul./dez. 2007. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/140/573>. Acesso em: 25 jun. 2021.
- SARTI, M. M.; CHIARETTI, P. O lugar da paráfrase no trabalho analista do discurso. *Revista Investigações*, v. 29, n. 02, p. 70-89, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1551>. Acesso em: 25 jun. 2021.

SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. A
abordagem do tema sexualidade no contexto
familiar: o ponto de vista de mães de
adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*,
Brasília, v. 36, n. 1, p. 130-144, 2016. Disponível
em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000100130)
[arttext&pid=S1414-98932016000100130](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000100130).
Acesso em: 25 jun. 2021.

TEDESCHI, L. A. Relações de Gênero e a história
das mulheres camponesas. *La Salle – Revista de
Educação, Ciência e Cultura*, Canoas, v. 14, n. 2,
jul./dez. 2009. Disponível em: [https://revistas.](https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/143/160)
[unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/](https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/143/160)
[view/143/160](https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/143/160). Acesso em: 24 jun. 2021.

WEAVER, A. D. *et al.* Sexual health education at
school and at home: Attitudes and experiences
of New Brunswick parents. *The Canadian Journal
of Human Sexuality*, v. 11, n. 1, p. 19-31, 2002.
Disponível em: [https://www.researchgate.](https://www.researchgate.net/publication/290517847_Sexual_health_education_at_school_and_at_home_Attitudes_and_experiences_of_New_Brunswick_parents)
[net/publication/290517847_Sexual_health_](https://www.researchgate.net/publication/290517847_Sexual_health_education_at_school_and_at_home_Attitudes_and_experiences_of_New_Brunswick_parents)
[education_at_school_and_at_home_Attitudes_](https://www.researchgate.net/publication/290517847_Sexual_health_education_at_school_and_at_home_Attitudes_and_experiences_of_New_Brunswick_parents)
[and_experiences_of_New_Brunswick_parents](https://www.researchgate.net/publication/290517847_Sexual_health_education_at_school_and_at_home_Attitudes_and_experiences_of_New_Brunswick_parents).
Acesso em: 25 jun. 2021.